



Arquitetura e urbanismo:
Compromisso histórico
com a multidisciplinariedade

2

Pedro Henrique Máximo Pereira
(Organizador)



Arquitetura e urbanismo: Compromisso histórico com a multidisciplinariedade

2

Pedro Henrique Máximo Pereira
(Organizador)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Arquitetura e urbanismo: compromisso histórico com a multidisciplinariedade 2

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Amanda Costa da Kelly Veiga
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Pedro Henrique Máximo Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arquitetura e urbanismo: compromisso histórico com a multidisciplinariedade 2 / Organizador Pedro Henrique Máximo Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-529-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.294210410>

1. Arquitetura. I. Pereira, Pedro Henrique Máximo (Organizador). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A arquitetura é espaço existencial. A cidade, um espaço existencial elevado à potência do social. São existenciais porque estão intrinsecamente relacionados, são intimamente ligados à vida individual e coletiva que neles se constituem. Portanto, são políticos, históricos e lócus de rebeldia criativa por excelência.

Esta compreensão é uma das chaves para o entendimento da necessidade da multidisciplinaridade. É também um dos mais potentes argumentos para viabilizarmos a garantia das fronteiras disciplinares já abertas e justificativa irrefutável para a abertura de novas fronteiras. É, portanto, o fundamento para uma abordagem complexa sobre realidades que são complexas. O espaço e a vida que nele ocorre carecem de abordagens diversas e variados modos de investigação, dada a clara compreensão da impossibilidade da apreensão total de objetos de estudo dessa natureza.

Este livro, o segundo volume de “Arquitetura e Urbanismo: compromisso histórico com a multidisciplinaridade”, publicado pela Atena Editora, dá um passo nessa direção. Ele é composto por 17 artigos, cujos temas variam do edifício ao território, passando pela paisagem, região e pelo urbano. Neles as abordagens também variam. Vão das escalas micro, compreendendo a rua, os espaços arquitetônicos de edifícios e interfaces entre o concreto e o virtual-digital à escala da cidade, da região e do território.

Deste conjunto é possível afirmar que o que atravessa todos os 17 artigos é a compreensão de tais temas, escalas e objetos de pesquisa como fontes inesgotáveis de abordagens disciplinares diversas. Por isso não encerram as discussões sobre os objetos analisados, mas deixam em aberto para discussões outras com interfaces dos saberes da arquitetura e urbanismo com a antropologia, a pedagogia, as engenharias, o planejamento urbano e regional, a geografia, a agronomia, a história, a economia, a ecologia, a psicologia, a filosofia, as ciências da computação e programação, a administração, entre tantas outras áreas que poderiam ser aqui citadas.

É possível ainda identificar movimentos interdisciplinares a partir deles. Há um notável trânsito de literaturas de disciplinas distintas utilizado como recurso para a leitura dos objetos neles analisados. Neste sentido, tais artigos indicam a necessidade de reconhecimento do valor e da contribuição de disciplinas próximas e distantes, mas não somente isso. Eles indicam a potência do reconhecimento das mais diversas disciplinas como partes de um campo amplo de investigações, nem sempre pacificado, jamais homogêneo, mas colaborativo e essencialmente crítico.

Assim, estimo boa leitura a leitoras e leitores!

Pedro Henrique Máximo Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AS TIPOLOGIAS DE PAISAGENS QUE CONECTAM O PARQUE DA PAZ E O TECIDO URBANO DO CONCELHO DE ALMADA – ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

Noêmia de Oliveira Figueiredo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104101>


CAPÍTULO 2..... 27

LIMES FRANCOLÍ, PAISAJES DE FRONTERA A RITMO SINCOPADO

Josep Maria Solé

Lluís Delclòs

Olivia Malafrente


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104102>

CAPÍTULO 3..... 43

CENTROS CULTURAIS E A CIDADE CONTEMPORÂNEA: O CENTRO CULTURAL SÃO PAULO E O SESC 24 DE MAIO COMO EQUIPAMENTOS DE SUPORTE À CULTURA

Júlia Martins Souza Pipolo de Mesquita

Celso Lomonte Minozzi


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104103>

CAPÍTULO 4..... 52

ARQUITETURA E ACESSIBILIDADE: FERRAMENTA DE INCLUSÃO EM ESCOLAS PÚBLICAS DE MARANGUAPE - CEARÁ

Zilsa Maria Pinto Santiago


Virna Maria Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104104>

CAPÍTULO 5..... 69

MAPEANDO LOS OJOS EN LA CALLE DE JANE JACOBS EL ALGORITMO GENERATIVO DE LA VIGILANCIA NATURAL PASIVA

Iñigo Galdeano Pérez


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104105>

CAPÍTULO 6..... 80

O USO CULTURAL DA MADEIRA NA ARQUITETURA: TÉCNICAS CONSTRUTIVAS TRADICIONAIS E AS MADEIRAS EMPREGADAS NAS CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS

William Jorge Pscheidt

João Carlos Ferreira de Melo Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104106>





CAPÍTULO 7..... 97

O AMBIENTE DA INTERAÇÃO MUSEAL: DA FISCALIDADE AO TOUR 360°

Pablo Fabião Lisboa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104107>

CAPÍTULO 8	110
ASSENTAMENTOS INFORMAIS E LEGISLAÇÃO URBANA - INVISIBILIDADE OU NEGAÇÃO? O CASO DA VILA XURUPITA EM BARREIRAS, BA/BRASIL	
Rogério Lucas Gonçalves Passos	
Natália Aguiar Mol	
Lorena J. Coelho Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104108	
CAPÍTULO 9	126
CONDIÇÕES SÓCIO HISTÓRICAS DE EXCLUSÃO TERRITORIAL E DESIGUALDADE DE OPORTUNIDADES URBANAS EM CIDADES BRASILEIRAS	
Isabela Casalecchi Bertoni	
Lilian Masumie Nakashima	
Maysa Leal de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104109	
CAPÍTULO 10	138
UM BREVE OLHAR SOBRE AS VULNERABILIDADES E A SUSTENTABILIDADE NA MUDANÇA DE PARADIGMAS DO URBANISMO CONTEMPORÂNEO	
Karliane Massari Fonseca	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041010	
CAPÍTULO 11	150
DESEMPENHO DA FILTRAÇÃO LENTA EMPREGADA NO TRATAMENTO DA CARGA DE DBO ORIUNDA DE ESGOTO DOMÉSTICO	
Ariston da Silva Melo Júnior	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041011	
CAPÍTULO 12	164
CENTRO E NOVA CENTRALIDADE DE LONDRINA SOB PERSPECTIVA MORFOLÓGICA	
Mayara Henriques Coimbra	
Gislaine Elizete Beloto	
Letícia da Mata Silva	
Ana Julia Ceole	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041012	
CAPÍTULO 13	181
PLANES REGIONALES: UNA EXPERIENCIA DE GESTIÓN Y REVITALIZACIÓN EN LA CIUDAD DE SÃO PAULO	
Denise Gonçalves Lima Malheiros	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041013	

CAPÍTULO 14.....	195
O TOMBAMENTO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SÃO MIGUEL ARCANJO COMO ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DAS MISSÕES JESUÍTICAS NO BRASIL	
Giorgio da Silva Grigio	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041014	
CAPÍTULO 15.....	210
OLHARES CRUZADOS SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL MODERNO- BRASÍLIA PATRIMÔNIO CULTURAL MUNDIAL: RELATÓRIO DE VISITA TÉCNICA INTERNACIONAL	
Yara Regina Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041015	
CAPÍTULO 16.....	229
ÁREAS METROPOLITANAS DE BELÉM E BRASÍLIA NOVOS RECORTES PARA ANÁLISE	
Ricardo Batista Bitencourt	
Ramon Fortunato Gomes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041016	
CAPÍTULO 17.....	255
UMA ABORDAGEM CONFIGURACIONAL PARA O ENSINO DE PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL	
Fernando dos Santos Calvetti	
Michele Staub de Brito	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041017	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	268
ÍNDICE REMISSIVO.....	269

CAPÍTULO 1

AS TIPOLOGIAS DE PAISAGENS QUE CONECTAM O PARQUE DA PAZ E O TECIDO URBANO DO CONCELHO DE ALMADA – ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

Data de aceite: 21/09/2021

Noêmia de Oliveira Figueiredo

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU)

FAUL - Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa / Membro Colaborador do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD)

RESUMO: A pesquisa tem como objeto de estudo a paisagem que foi construída no entorno do Parque da Paz que se localiza no Conselho de Almada na Área Metropolitana de Lisboa. O objetivo foi identificar as tipologias de paisagens que se formam entre o Parque Paz e o tecido urbano do seu entorno. Foi feito um diagnóstico do desenho da paisagem, que observa o suporte biofísico e o impacto das intervenções e uma análise da morfologia do tecido urbano que utilizou aspectos observados nas regiões metropolitanas brasileiras. As análises urbanas foram feitas, primeiramente, por meio do *Google Earth*, utilizando as imagens de satélite e o *StreetView*, em seguida foram visitados os locais previamente selecionados. Foram feitas consultas aos profissionais que trabalham na Câmara de Almada, a fontes bibliográficas e iconográficas. A metodologia permitiu observar na mesoescala paisagens híbridas e na escala local paisagens intersticiais. A partir disso e com base no conceito de Sistema de Espaços Livres foram feitas reflexões sobre as possíveis estratégias no

âmbito social e ambiental para contribuir com a Estrutura Ecológica do Concelho de Almada.

PALAVRAS - CHAVE: Paisagem híbrida; Paisagem intersticial; Parque; Conectividade; Tecido Urbano.

THE LANDSCAPE TYPOLOGIES THAT CONNECT PARQUE DA PAZ AND THE URBAN FABRIC FROM ALMADA COUNCIL – LISBON METROPOLITAN AREA

ABSTRACT: The object of study is the landscape built around the Parque da Paz located in the Almada Council in Lisbon Metropolitan Area. The objective of this research was identified landscape typologies in between urban fabric from surround Parque da Paz. It was doing landscape design diagnosis, that observe biophysics support and impacts from interventions, and a morphology analysis from urban fabric the used observe aspects in the Brazilian metropolitan areas. Initially, urban analysis was realized using with Google Earth, with satellite images and StreetView, and posteriorly visits in the places previously select. Professional workers from Almada Council was consulted, and bibliographic and iconographic researches too. The methodology enabled to analyze the hybrid landscape in mesoscale and interstitial landscapes in local scale. With this and based on the concept of Open Space Systems, it was able to reflect on the possible strategies in the social and environmental scope to contribute to the Ecological Structure of the Almada Council.

KEYWORDS: Hybrid landscape; interstitial landscapes; park; connectivity; urban fabric.

INTRODUÇÃO

Quem chega a Lisboa logo se encanta com a iluminação natural e a paisagem que se vê na margem sul do Rio Tejo, que é marcada pela Ponte 25 de Abril, pelo monumento Cristo Rei, o relevo acidentado, o elevador Panorâmico da Boca do Vento, entre outros elementos físicos que nossa visão alcança, ou seja, é uma paisagem no domínio do visível. Segundo Santos (1982) isso não é suficiente para compreendermos a realidade, sendo preciso considerar o momento histórico e a cultura local que os objetos foram inseridos no espaço para se fazer uma leitura completa da paisagem. Investiga-se os aspectos geofísicos e a história de ocupação do território para abordar a morfologia urbana que resulta na paisagem do entorno do Parque da Paz que fica no Concelho de Almada, Área Metropolitana de Lisboa (AML).

No início do século XX, Almada era predominantemente rural com as propriedades chamadas de Quintas. O espaço urbano em que habitava a maior parte da população era na atual freguesia de Cacilhas, onde a conexão com Lisboa era, e é até os dias de hoje, por barco (MARQUES, 2015).

Na década de 1930 o Arsenal da Marinha foi implantado na Quinta do Alfeite, no Estuário do Tejo na freguesia do Laranjeiro, zona leste do Concelho, e atraiu militares, funcionários civis e mão de obra para construção, (MARQUES, 2015).

A década de 60 é marcada pela instalação do Estaleiro Naval da Lisnave, em 1961, e a inauguração da Ponte 25 de Abril sobre o Rio Tejo, em 1966. Neste momento o Laranjeiro é a área que possui maior expansão urbana tornando-se a freguesia com maior densidade populacional, diversidade cultural e étnica acentuada pelo processo de descolonização que acontece a partir de 1974 (MARQUES, 2015).

São essas as principais atividades econômicas que alavancaram as intervenções no território do Concelho de Almada no século XX, deixando de ser rural e se aproximando do urbano com aspectos que caracterizam o território hoje como Área Metropolitana de Lisboa.

Além disso, a partir da revolução de 1974, com a abertura política, há uma mudança na maneira de trabalhar o uso do solo e a questão da habitação. O Plano Integrado Urbanístico de Almada tem uma visão de gestão integrada dos recursos naturais e não apenas de implantação de infraestrutura e edificação, pois foi o primeiro plano a adotar o princípio do *continuum naturale* (MAGALHÃES, 2001), que propôs uma Estrutura Verde Urbana para ligar duas áreas fundamentais: A falésia da margem Sul do Tejo e a Reserva Paisagística de Almada (TELLES, 1997, p. 20). Neste momento, Almada torna-se um lugar de experimentação de um urbanismo verde. Isso significou que muitas ações e políticas ambientais passaram a ser desenvolvidas e implementadas com a meta de compatibilizar as funções da vida cotidiana dos habitantes com os recursos e sistemas naturais do local. No entanto, não foi possível evitar um sistema viário com de diferentes hierarquias que permeia

entre os terrenos das antigas Quintas, que foram loteadas para uso predominantemente residencial, comercial e industrial.

Atualmente, a Estrutura Ecológica Municipal (EEM) de Almada tem como base os estudos de interpretação da paisagem ecológica e cultural que integram a legislação definida no Plano Diretor Municipal, que possui os seguintes componentes:

“Estrutura Ecológica Fundamental – que reúne as diversas componentes ecológicas da paisagem fundamentais para o funcionamento e estabilidade ecológica do território.

Estrutura Cultural Municipal – que integra os elementos construídos que reflectem a acção humana sobre paisagem.

Estrutura Ecológica Urbana – que integra nas áreas urbanas os elementos das duas estruturas anteriores, constituindo assim, uma estrutura de proteção, de regulação, do lazer e recreio integrada no tecido edificado.” (CÂMARA DE ALMADA)

Neste contexto do Concelho de Almada, a pesquisa tem como objeto de estudo a Estrutura Ecológica Urbana, especificamente, a paisagem que foi construída no perímetro do maior Espaço Verde Urbano do Concelho, o Parque da Paz. O objetivo é identificar as tipologias de paisagens que se formam entre o Parque Paz e o tecido urbano do seu entorno, para potencializar os benefícios ambientais e sociais dos espaços livres de edificações.

APORTE CONCEITUAL SOBRE TECIDO URBANO E SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES

A expressão “tecido urbano” é definido na literatura corrente de duas maneiras: como sendo uma estrutura composta por elementos físicos (vias, quarteirões, lotes, edificações e espaços livres de edificações) (CHOAY e MERLIN, 1988; PANERAI, 1999); e outros que afirmam que ele é também composto por aspectos sociais e culturais (LEFEBVRE, 1968; CHOAY e MERLIN, 1988). Assim sendo, cada vez mais as demandas da população e as legislações são elementos que contribuem para o resultado da morfologia urbana.

Segundo Coelho (2015, p. 14), são indissociáveis os elementos físicos do tecido urbano para o entendimento da morfologia urbana, mas para uma leitura interpretativa é pertinente fazer a decomposição do mesmo. Assim sendo, iremos nos aprofundar nos espaços livres de edificações devido aos parques fazerem parte deste elemento do tecido urbano.

No entendimento de Magnoli (1982), os espaços livres de edificações devem ser entendidos como um sistema, caracterizado por áreas urbanas, ambientais e rurais que precisam estar relacionados. Este conceito está alinhado com as Estruturas Ecológicas Municipais adotado pela comunidade Europeia, que tem como premissa estabelecer o *continuum naturale* (TELLES, 1997; MAGALHÃES, 2001).

Portanto, a investigação avalia as potencialidades e fragilidades da morfologia

urbana do entorno do Parque da Paz para que sejam definidas estratégias que contribuam para um Sistema de Espaços Livres que considere o Parque da Paz o centro de um sistema, ou seja, estabelecendo conectividades com os outros espaços livres que estão no seu entorno.

A metodologia adotada alterna as escalas sucessivamente e não hierarquicamente (TELLES, p. 18, 1997), isso pode ser observado no texto que descreve a morfologia do entorno do Parque, pois ora são feitas análises na escala do bairro e ora na escala da rua. Seguindo a metodologia de Tângari (2014) são definidos três critérios de análise: desenho da paisagem, que observa o suporte geofísico e o impacto das intervenções; a morfologia do tecido urbano, que analisa as vias, os quarteirões, os lotes, os edifícios e os espaços livres de edificações e os agentes sociais que atuam no território; em conjunto com os aspectos de Regiões Metropolitanas tais como Farias (2012, p. 239) definiu:

- A estrada mercantil: Presença de rodovias: expressa, estruturante, regionais e vicinais;
- Aparatos da Globalização: São os loteamentos / condomínios fechados, complexos comerciais e de serviços, distritos industriais de grandes dimensões que prejudicam a permeabilidade do território;
- Resíduos da Globalização: São loteamentos precários, invasões e áreas degradadas;
- Matriz Rural-Ambiental Regulamentada: São as áreas agrícolas-pastoris fazendas, sítios áreas de proteção ou preservação ambiental;
- Espaço-entre: Espaços sem função fixa situados nos intervalos entre duas ou mais zonas.

Buscou-se primeiro descrever o que ocorre dentro dos limites do Parque e, em seguida, foi feita uma análise na mesoescala da morfologia urbana por meio do *Google Earth*, utilizando as imagens de satélite e o *StreetView*, em seguida foram feitas visitas aos locais previamente selecionados. Foram consultadas as fontes bibliográficas, as iconográficas, o site da câmara de Almada. Também foram feitas consultas, em janeiro de 2020, à Câmara de Almada, a senhora Cristina Glória, Chefe de Divisão dos Parque Urbanos, e o senhor arquiteto Luis Bernardo, Chefe da Divisão de Instrumentos de Gestão Territorial e Planeamento.

DESENHO DA PAISAGEM

Aspectos geofísicos: relevo e corpos d`água

O Concelho de Almada faz limite com o Rio Tejo, ao norte, e com o Oceano Atlântico, a oeste, onde pode-se observar uma faixa de terra estreita que possui uma barreira natural devido ao terreno bastante acidentado, que em alguns pontos chega a aproximadamente

100 metros de altura. A leste o relevo desce com suavidade e chega ao estuário do Rio Tejo, onde foi implantado o Arsenal do Alfeite (1930) e o Estaleiro Naval (1960). O relevo no centro do Concelho possui depressões, onde se formam vales e, em um deles, está localizado o Parque da Paz.

As bacias hidrográficas drenam as águas pluviais para o Rio Tejo ou para o Oceano Atlântico. Ao sul o relevo é mais plano e as linhas de água não possuem grandes sulcos e dimensões. Ao norte de Almada estão as principais linhas de água que fazem o escoamento superficial das águas pluviais como a Vala do Caramujo, a Vala do Guarda-Mor, a Vala da Regateira, a Vala da Caneira, a Vala da Sobreda e a Vala da Enxurrada (CAMARA DE ALMADA). A Vala do Caramujo segue por dentro do Parque da Paz, onde foram projetadas bacias de retenção com a função de minimizar as enchentes que ocorriam na freguesia da Cova da Piedade, segundo a Chefe de Divisão dos Parque Urbanos.

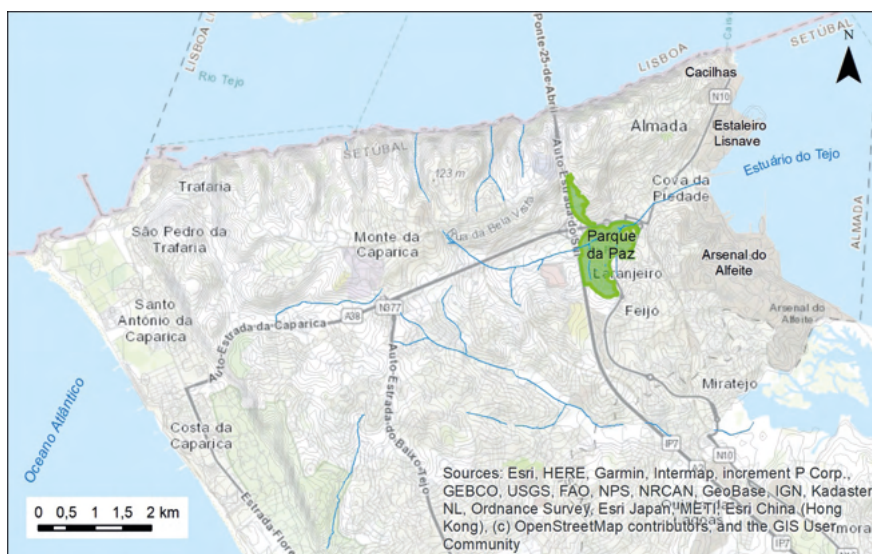


Figura 1: Mapa esquemático do relevo e corpos d'água.

Fonte: Elaborado pela autora com base no Esri, HERE, Garmin, OpenStreetMap, em fevereiro 2020.

Apresentação do Parque da Paz: os impactos ambientais e os aspectos sociais

O Parque da Cidade de Almada, chamado de Parque da Paz, é resultado do plano urbanístico iniciado pela Câmara Municipal de Almada em 1975, cuja área foi declarada como de utilidade pública. Naquele momento, a área foi reservada para ser um parque de 50 hectares que assegurasse as funções da paisagem natural no ambiente urbano. O arquiteto paisagista que desenvolveu a proposta do Parque foi Sidónio Pardal que pôde tanto planejar, em 1979, quanto desenvolver o projeto anos mais tarde.

A área do Parque era ocupada por Quintas de diferentes proprietários e durante

cerca de 20 anos foram feitas negociações para poder viabilizar a execução do projeto (PARDAL, 1997, p. 27).

Conforme consulta realizada com a Chefe de Divisão de Gestão de Parques Urbanos, o poder público permitiu a construção de um shopping (Almada Fórum) em uma área no entorno do projeto que viabilizou, como contrapartida, a compra aos poucos das propriedades particulares e a construção do Parque na década de 1990.

A construção do shopping fez com que houvesse um incremento da infraestrutura viária no Concelho e surgissem novos loteamentos residenciais, com isso houve alteração da paisagem e impactos ambientais no relevo e nos cursos d'água que foram mitigados com o projeto do Parque.

Segundo Pardal (1997, p. 31-32), o projeto modela uma “paisagem idealizada” por meio da desconfiguração e remodelação do relevo original coerente com o regime hídrico. Os critérios dos desenhos que são desenvolvidos sucessivamente são técnicos, funcionais e estéticos. A drenagem das águas superficiais e subterrâneas são controladas pelas bacias de retenção ao longo da Vala do Caramujo e na parte superior central do Parque. Estas bacias conferem também qualidade plástica da paisagem.



Figura 2: Vista do Parque da Paz na área da bacia de retenção da Vala do Caramujo.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.

Observa-se que, mesmo sendo uma área que sofreu grande intervenção, o Parque possui uma função ambiental sistêmica importante no contexto dos espaços verdes urbanos

do Concelho. E ainda, o Parque desenvolve uma interioridade favorável para a flora e a fauna se regenerarem e se desenvolverem, ao mesmo tempo que possibilita o afastamento dos visitantes do contexto urbano desenvolvendo sua função simbólica de ser um espaço natural devido à dimensão e ao distanciamento do tecido urbano. Ainda segundo Pardal (1997), o projeto concebido teve como objetivo a simplicidade da intervenção para promover o distanciamento das pessoas da cidade.

Observou-se nas visitas de campo que o Parque cumpre com sua função de espaço público de reunir uma diversidade de pessoas. O uso do Parque durante a semana é predominantemente feito por pessoas que praticam a caminhada ou a corrida. Nos finais de semana e feriados os usuários utilizam o Parque para o lazer de descanso ou diversão (DUMAZEDIER, 1994), sendo possível observar diferentes idades, estratos sociais e culturas. Talvez isso ocorra devido ao projeto de Sidonio Pardal ter como princípio a interação dos espaços por meio da não separação de usos ou atividades (PARDAL, 1997, p. 24-25). Os caminhos são pensados para permitir um percurso livre do usuário e não há áreas definidas para crianças ou idosos. O Parque possui um núcleo de banheiros e um quiosque que promovem o suporte necessário para o usuário passar o dia. Os assentos e as lixeiras são os mobiliários mais encontrados. Existem placas de sinalização de localização e dos percursos existentes no Parque, assim como de interpretação ambiental que fornecem informações sobre os animais e vegetação do local.



Figura 3: Uso do parque e os edifícios ao fundo.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.

A pesquisa se desenvolve para verificar a paisagem criada no entorno do Parque, que segundo Pardal (1997, p. 15) “o parque tem uma segunda interioridade: uma que se define no contraponto com a envolvente urbana e depende, portanto, de um conjunto mais alargado que abarca o tecido da cidade. Esta última não integra a essência do parque, mas constitui um valor urbanístico na relação entre o edifício e o espaço livre do parque”.

Sabe-se que os projetos de paisagismo precisam de tempo para se desenvolver e se consolidarem na paisagem, por isso torna-se pertinente analisar a inserção do Parque após aproximadamente 20 anos de existência. Assim, as características do entorno podem ser avaliadas e, quem sabe, reprojatadas para contribuir com a melhor eficácia ambiental e social.

ANÁLISE DA MORFOLOGIA URBANA NO ENTORNO DO PARQUE DA PAZ

Atualmente a área do Parque é maior do que quando foi projetado. Possui 60 hectares e faz limite com as freguesias de Cova da Piedade à Norte, de Laranjeiro à Leste, de Feijó à Sul e de Pragal à Oeste.

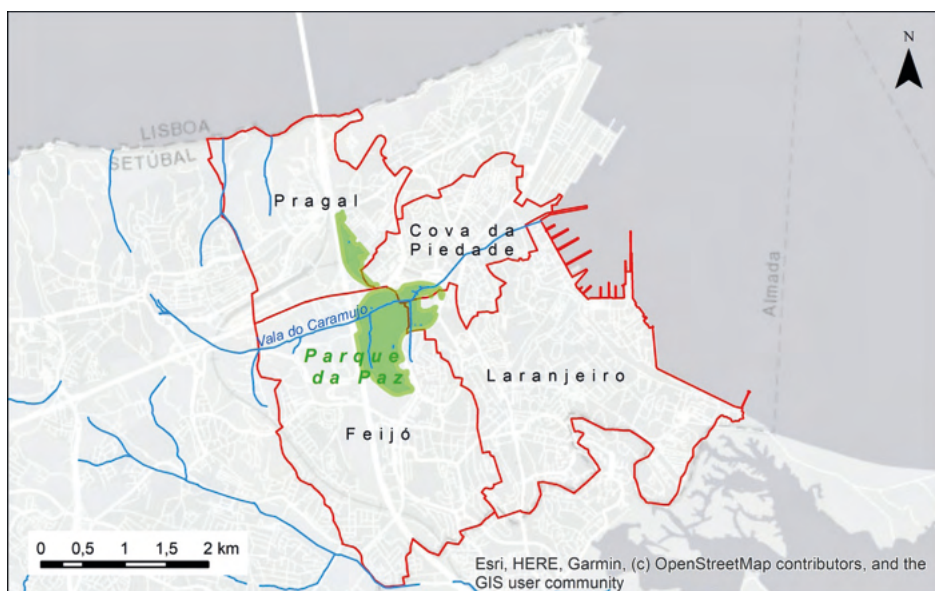


Figura 4: Mapa do Parque da Paz e os limites das freguesias.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Esri, HERE, Garmin, OpenStreetMap, em fevereiro 2020.

Considerando cada freguesia, foi descrito o que ocorre dentro dos limites do Parque e, em seguida, foi feita a análise na mesoescala da morfologia urbana de acordo com os aspectos de Regiões Metropolitanas definidos por Farias (2012, p. 239).

FREGUESIA DA COVA DA PIEDADE: ORIENTAÇÃO NORTE

O Parque da Paz na Face Norte

Na face norte do Parque estão localizadas a escultura de aço corten, de 21 x 49 metros, concebida por José Aurélio e a bacia de retenção das águas pluviais e da Vala do Caramujo, pois é a cota mais baixa da área verde. O elemento que mais se aproxima do urbano no Parque é a Alameda, onde tem bancos e árvores plantadas sequencialmente na direção norte-sul (PARDAL, 1997, p. 45). A nordeste, contínuo ao Parque, está localizado o complexo esportivo de futebol do Estádio Municipal José Martins Vieira e a edificação de uso administrativo dele.



Figura 5: Vista da via A38 em Covas da Piedade e ao fundo o complexo esportivo.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.

Análise da Morfologia urbana da Covas da Piedade

A via expressa A38 faz limite com o Parque da Paz no trecho que vai do Centro Sul até a Variante à N10. Esta área faz conexão com o tecido urbano por meio de sinais que interrompem a A38, mas permitem a travessia de ciclistas e pedestres, que acessam o Parque por rampa, sendo um acesso mais voltado para atender os moradores do entorno imediato. Ainda nesta face pode-se chegar ao Parque por uma passarela que cruza um

grande estacionamento (**aspecto espaço-entre**) e chega-se próximo a escultura de José Aurélio. Devido à infraestrutura viária (rodovia e linha do metrô) existe um distanciamento entre o Parque e o tecido urbano. Constata-se aqui o **aspecto da estrada mercantil**.



Figura 6: Estacionamento e passarela (ao fundo) de acesso ao Parque da Paz.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.

Os quarteirões estão aproximadamente a 100 metros distantes do Parque. São quarteirões de formato irregular, com área que varia entre 1 e 2 hectares, que são ocupados por edifícios de um volume único e possuem entre 4 e 6 pavimentos, podendo ser caracterizados como **aspectos da globalização**. No entanto, o volume dos edifícios possui a qualidade de ser permeável, sendo possível transitar e encontrar espaços livres de edificações no miolo do quarteirão. Estes são ocupados por estacionamento de carros ou edificações mais baixas, de uso comercial (**aspecto espaço-entre**).

FREGUESIA DO LARANJEIRO: ORIENTAÇÃO LESTE

O Parque da Paz na Face Leste

A face leste do Parque da Paz concentra a maior parte dos equipamentos do Parque.

É nesta face que está o edifício com valor arquitetônico e patrimonial da Quinta dos Farias que foi desapropriado para a construção do Parque (PARDAL, 1997, p.50).

Nele, funciona a Divisão de Gestão de Parques Urbanos do Concelho e ao lado está um viveiro de mudas que são cultivadas para fornecer às áreas verdes do Concelho. Contíguo a essas duas áreas, na parte mais baixa, está o estacionamento que concentra o acesso aos visitantes que vêm de outras freguesias. No interior do Parque e próximo a esta área está o único quiosque onde funciona uma cafeteria que reúne pessoas nesta localização.

Análise da Morfologia Urbana de Laranjeiro

O perímetro do Parque no Laranjeiro é o menor das quatro freguesias. O Parque segue sendo limitado pela Variante à N10 (**aspecto da estrada mercantil**). Este trecho é marcado por **aparatos da globalização** como loteamentos destinados a comércios como McDonald`s e Supermercados (em construção), ao mesmo tempo que possui hortas urbanas configurando os aspectos da **matriz rural ambiental regulamentada**. Os **espaços-entre** estão presentes no entorno dos edifícios residenciais como ocorre na freguesia da Cova da Piedade.

Caracterizando mais um **aspecto da globalização**, há um posto de gasolina ao lado do complexo esportivo, onde também existe um estacionamento que atende a demanda dos frequentadores.



Figura 7: No primeiro plano da foto presença de horta, em seguida a terraplanagem de terreno para supermercado e ao fundo o Parque da Paz.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.

FREGUESIA DO FEIJÓ: ORIENTAÇÃO SUDESTE E SUDOESTE

A freguesia do Feijó é a que possui o maior perímetro com o Parque, por isso foi necessário dividir a análise em face sudeste e sudoeste.

Parque da Paz na Face Sudeste

A porção sul do Parque da Paz é onde tem uma ampla área gramada cujos sobreiros de grande porte estão concentrados e formam sombras com bancos e caminhos para pedestres e ciclistas.



Figura 8: Ao fundo o bosque de sobreiros e usuários no caminho para pedestres.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.

Análise da Morfologia urbana do trecho sudeste do Feijó

Seguindo pela Variante à N10 (**estrada mercantil**) encontra-se a Quinta do Chegadinho que é um bairro residencial com vias estreitas, quarteirões e lotes de um urbanismo tradicional, da época da implantação do Arsenal do Alfeite e do Estaleiro Naval. Em frente a Quinta do Chegadinho a uma sinalização na via que permite a travessia dos moradores que acessam o Parque por rampa. Adjacente a Quinta do Chegadinho observa-se edifícios e o parcelamento da década de 1970, como descrito na freguesia da Cova da Piedade, no entanto **o aspecto dos espaços-entre** em alguns trechos são mais permeáveis e com menos usos definidos do que na outra freguesia.



Figura 9: Na imagem à direita, variante N10 e a Quinta do Chegadinho. Na imagem à esquerda, a Quinta do Chegadinho no primeiro plano e edifícios da década de 1970 ao fundo.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.



Figura 10: Exemplo de espaço-entre na freguesia do Feijó.

Foto da autora em janeiro de 2020.

Continuando o perímetro do Parque pela Variante à N10 observa-se que o terreno do Parque é mais alto (local dos sobreiros) que seu entorno, que está aproximadamente 10 metros mais baixo. Contíguo ao Parque, há o condomínio multifamiliar chamado Amanhecer do Parque que foi construído interrompendo o relevo do Parque bruscamente (**aspectos dos aparatos da globalização**) e também adjacente a ele há uma área de 15 hectares que

é cortada pela Rua Henrique Mota que inicia na rotunda variante à N10 e limita o Parque ao sul. Ao norte desta rua o terreno está em declive e, ao sul, ele está em aclave, sendo percebido a drenagem das águas pluviais por valas. O uso desta área é agrícola, o que caracteriza a **matriz rural ambiental**.



Figura 11: Área em declive de uso rural. Ao fundo a esquerda os sobreiros e a direita o condomínio Amanhecer.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.

Parque da Paz na Face Sudoeste

Esta face é marcada pela topografia em declive para a direção norte, por onde as águas pluviais seguem para a bacia de retenção localizada na porção norte do Parque. Neste trecho o Parque possui uma vegetação mais densa, com árvores de grande porte e algumas trilhas que, com o uso contínuo definiram um acesso informal entre o Parque e a rotatória, na Rua Henrique Mota, localizada próximo ao centro comercial e embaixo da via expressa A2.



Figura 12: À direita, trilha informal do Parque da Paz que acessa a Rua Henrique Mota na rotatória. Ao fundo, o complexo comercial.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.

ANÁLISE DA MORFOLOGIA URBANA DO TRECHO SUDOESTE DO FEIJÓ

Na direção oeste, continuando pela Rua Henrique Mota, chega-se ao trecho sudoeste da freguesia do Feijó, onde a via expressa A2 faz o limite do Parque e do outro lado da mesma existe um parque privado chamado Koi Park destinado a piscicultura. Este Parque faz limite com o sistema viário (rua Sérgio Malpique) que permite a conectividade com o tecido urbano. Neste trecho o tecido urbano possui grandes quarteirões, que são destinados ao uso comercial como shopping center e lojas de departamento que caracterizam os **aparatos da globalização**.

Foi observado um **aspecto de matriz rural ambiental** ao norte do shopping center, onde encontra-se um terreno não ocupado, por onde passa a Vala do Caramujo que segue em direção ao Parque.



Figura 13: Vista do terreno em frente ao shopping onde a Vala do Caramujo segue em direção ao Parque.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.

FREGUESIA DO PRAGAL: ORIENTAÇÃO NOROESTE

Parque da Paz na Face Noroeste

Neste trecho o Parque da Paz possui o relevo acidentado que funciona como uma barreira visual do grande entroncamento viário existente. No entanto, há conexão por via de pedestre/ciclista para o sudoeste da freguesia do Feijó e por passarela para a freguesia do Pragal.



Figura 14: Exemplo de barreira visual entre o Parque e a autoestrada A38.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.

Análise da Morfologia Urbana do Pragal

É possível para o visitante que está no interior da área verde fazer um percurso pavimentado em aclave e encontrar um caminho de pedestre/ciclista que contorna o Parque pela margem da estrada que segue em direção aos lotes de uso comercial (shopping), passando por debaixo do viaduto da via expressa A2 (**estrada-mercantil**). Este é considerado o caminho formal para se chegar ao shopping a partir do Parque. Esta conexão do Parque com o tecido urbano existe mas, devido a característica do lote de um só uso e de grande dimensão (**aparatos da globalização**), estabelece uma conectividade de baixa qualidade para o pedestre.

Também, neste trecho, a partir do Parque, foi construída uma passarela que conecta o Parque da Paz com a freguesia do Pragal. Atravessando a passarela encontra-se um **espaço-entre** que fica paralelo a via expressa A2 e o tecido urbano do Pragal. Este espaço foi identificado pela Câmara de Almada com potencial para ser incorporado ao Parque da Paz, no momento com intervenções paisagísticas para tal.



Figura 15: Vista da passarela que atravessa a via expressa A2 e conecta o Parque da Paz com a freguesia do Pragal.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.

Os quarteirões que compõem a freguesia do Pragal possuem um desenho urbano de influência moderna e, por isso, tem muitos **espaços-entre**. O uso das edificações é misto, o que permite uma maior circulação de pessoas. Do outro lado da via expressa A2, também existe um espaço livre de edificações que fica ao lado da Ferrovia, podendo ser melhor usado para fins da Estrutura Ecológica do Concelho.



Figura 16: Exemplo de espaços-entre, ou seja, com espaços livres que podem ser usados para melhorar a Estrutura Ecológica do Concelho.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.

Impacto das intervenções: Análise e síntese da morfologia urbana no entorno do Parque da Paz

Observa-se de imediato que a descontinuidade do tecido urbano, a existência de barreiras físicas (relevo acidentado em alguns trechos) e a infraestrutura viária não permitem a continuidade do Parque com os bairros adjacentes, ou seja, não forma um tecido urbano coeso.

Comum a todas as freguesias é o limite do Parque ser definido pelo **aspecto estrada-mercantil**, ou seja, rodovia expressa, estruturante, estradas regionais ou vicinais, que passam ao lado do Parque. Neste perímetro, a diferença está nas soluções de projeto do Parque, ou seja, como ele cria barreiras, conexões e acessos com o sistema viário. Estas soluções envolvem o relevo, como por exemplo, mais acidentado no caso do Feijó, que distanciam o Parque do tecido urbano, dificultando o acesso e a visibilidade do mesmo, e menos acidentado no caso da Cova da Piedade, onde está um dos acessos ao Parque e a permeabilidade visual que o tornam convidativo ao lazer. Soluções como a passarela adotada na freguesia do Pragal é de enorme valor para os moradores locais que passam a ter acesso direto ao Parque.

O impacto dos **aparatos da globalização** causam nos quarteirões uma fragilidade

devido ao seu parcelamento com dimensão elevada para o edifício comercial está implantado, pois são barreiras no tecido urbano que dificultam o caminhar do pedestre, a permeabilidade visual (CULLEN, 1970) e a legibilidade do espaço (LYNCH, 1960).

O **aspecto resíduos da globalização** não foram encontrados na área definida para o estudo, no entanto observa-se uma menor atuação da Câmara em alguns espaços públicos, como na Quinta do Chegadinho e na área de estacionamento na Cova da Piedade.

O Parque da Paz é uma matriz Rural-Ambiental regulamentada, o que garante algumas funções ambientais para a região. Observa-se que todas as freguesias possuem evidências de hortas. Estas podem, ou não, ser remanescentes das Quintas existentes no passado ou ser uma característica cultural dos moradores.

O **aspecto espaço-entre** é identificado em todas as freguesias em escalas diferentes e possuem potencial para fazerem parte da Matriz Rural-Ambiental e favorecerem as conexões com o Parque. A Câmara de Almada já identificou isso na freguesia do Pragal onde o **“espaço-entre”** a via expressa A2 e os quarteirões está sendo executado o projeto de paisagismo.

Os quarteirões que pertencem ao tecido urbano das freguesias da Cova da Piedade, Laranjeiro e Pragal foram identificados como espaço-entre devido ao desenho urbano moderno. Considerando que a urbanização do entorno do Parque da Paz ocorreu com mais intensidade na década de 1970, no momento do desenvolvimento do plano urbanístico integrado de influência moderna, **os espaços residuais dos quarteirões** podem ser revertidos para contribuir com funções ambientais e sociais. Segundo Panerai (apud COSTA, 2015, p. 124), quarteirão tem a função de determinar a natureza do logradouro, ou seja, como as pessoas vivem na cidade, além de definir a tipologia arquitetônica. Segundo Costa (2015, p. 124), o quarteirão define a relação entre as escalas urbanas e arquitetônica. Corroborando com Costa (2015, p. 144), observamos que os quarteirões das freguesias do entorno do Parque da Paz é o elemento morfológico do tecido urbano que pode melhor se adaptar e sofrer intervenções de desenho urbano para dar complemento a EEM.

	Cova da Piedade	Laranjeiro	Feijó	Pragal
Estrada mercantil	x	x	x	x
Aparatos da Globalização	-	x	x	x
Resíduos da Globalização	-	-	-	-
Matriz Rural-Ambiental	-	x	x	-
Espaço-entre	x	x	x	x

Tabela 1: Síntese da Morfologia Urbana do Entorno do Parque da Paz.

A análise da morfologia urbana no entorno do Parque da Paz a partir dos aspectos definidos para as Regiões Metropolitanas (FARIAS, 2012) permitiu compreender a paisagem construída considerando os aspectos formais do tecido urbano, mas também os aspectos econômicos e políticos que interferem no uso e na ocupação do território.

Assim como, também foram levados em consideração o relevo, a hidrografia, a vegetação e as atividades que ocorrem dentro do limite do Parque para compreender a paisagem que o envolve e como é a articulação com o tecido urbano.

Foram identificadas duas tipologias de paisagem: uma na mesoescala e outra na escala local.

Na mesoescala, identificam-se as “paisagens híbridas” (CANCLINI, 1997) que misturam tecido urbano e uso agrícola. Isso afirma a característica de um Concelho periurbano, que possui potencial para implantação de infraestrutura verde e estabelecimento de corredores verdes (Rede Natura 2000) articulados com o Parque da Paz. As paisagens híbridas no entorno do Parque também são compostas de bacias de retenção, que são áreas que alagam em algumas épocas do ano e em outras ficam secas, parecendo ser um local abandonado, por isso é pertinente fazer um trabalho de educação ambiental voltado para explicar a importância daquela paisagem nas áreas urbanas. Não é uma área negligenciada pelo poder público, mas que faz parte de um sistema que cumpre funções ambientais.



Figura 17: Presença de hortas no tecido urbano.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.



Figura 18: Bacia de retenção no trecho da freguesia da Cova da Piedade. Local que inicia a canalização das águas retidas.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.

Na escala local, foram observadas fragilidades em alguns pontos da conectividade do Parque com o tecido urbano. Segundo Nooraddin citado por Farias (2012), são as “paisagens intersticiais”, ou seja, compostas pelos “espaços-entre” que se constituem de espaços residuais servindo de anteparo, linha de segurança ou fronteira informal que mantém o usuário a distância, como é o caso da infraestrutura viária em alguns trechos do Parque.



Figura 19: O Parque da Paz na freguesia do Pragal entre o tecido urbano à direita e a via expressa A2 à esquerda.

Fonte: Foto da autora em janeiro de 2020.

Mas também há os “espaços-entre” existentes nos quarteirões modernos, que são os espaços livres de edificações com potencial para a constituição de um sistema verde, ou seja, para contribuir com a Estrutura Ecológica Urbana. É um tecido urbano constituído de grandes quarteirões, com edificações construídas entre 1930 a 1970 que, apesar de períodos diferentes, mantêm a permeabilidade, com passagens para pedestres, praças de tipologias variadas e calçadas largas que são usadas pelas cafeterias. Neste caso podemos identificar estes espaços como a “Terceira Paisagem” definida por Gilles Clément (2007), que são os espaços residuais, ou seja, espaços preteridos e que possuem algum tipo de diversidade ambiental.



Figura 20: Mapa figura-fundo que representa os quarteirões, as edificações e os espaços livres.

Fonte: Elaborado pela autora com base no Esri, HERE, Garmin, OpenStreetMap, em fevereiro 2020.

Sendo assim, a paisagem formada por influência do urbanismo moderno pode ser revertida para a cidade contemporânea, por meio de experimentações para um urbanismo verde associado à apropriação dos espaços públicos pela população. Tais experimentações estão relacionadas com as soluções de projeto que tenham funções técnicas, como canteiro pluvial, biovaleta, jardim de chuva, e funções de urbanidade, como mobiliário urbano, desenho de pavimentação, arte urbana, entre outras soluções criativas. Nesta linha da urbanidade, não pode-se deixar de mencionar que nas visitas de campo foram observadas grandes esculturas urbanas em aço corten que permitem visadas ou perspectivas que marcam a paisagem do Concelho de Almada (Estrutura da Lisnave) e se conectem simbolicamente com o Parque, por meio da escultura de José Aurélio.

Esta investigação inicial fornece um diagnóstico que pode contribuir para o território de Almada de forma a complementar a Estrutura Ecológica Urbana. A contribuição foi desenvolvida a partir da análise morfológica do tecido urbano que observou duas tipologias de paisagem e diagnosticou as fragilidades de integração do Parque da Paz com o tecido urbano, ao mesmo tempo que foi feito o apontamento das potencialidades dos espaços livres de edificações localizados nos quarteirões de característica moderna.

REFERÊNCIAS

ASCHER, F. 2012. *Novos princípios do urbanismo, seguido de Novos compromissos urbanos. Um léxico*. Lisboa: Livros Horizonte.

Câmara Municipal de Almada. 2006. *Almada Nascente. Estudo de caracterização ambiental, geológica e geotécnica e plano de urbanização da frente ribeirinha nascente da Cidade de Almada (vol. 1)*. Almada: Norprint, SA.

Câmara Municipal de Almada. s.d. *Ambiente Natural e Biodiversidade*. Acedido a 12 de dezembro de 2019. http://www.m-almada.pt/portal/page/portal/AMBIENTE/AMB_NAT_BIO/?amb=0&actualmenu=4823098&ambiente_ambiente_bio=12885456&cboui=12885456

CANCLINI, N. G. 1997. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp.

CLÉMENT, Gilles. 2018. *Manifesto Del Tercer Paisaje*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

COELHO, C. D (org.). 2015. *Cadernos de morfologia urbana. Estudos da cidade portuguesa. Os elementos Urbanos*. Lisboa: Argumentum.

COSTA, J. P. 2015. *O quarteirão. Elemento experimental no desenho da cidade contemporânea*. In: Cadernos de morfologia urbana. Estudos da cidade portuguesa. Os elementos Urbanos. COELHO, C. D (org.). Lisboa: Argumentum.

CHOAY, F., MERLIN, P. 2005 (1988). *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*. Paris: Press Universitaires de France, PUF.

CULLEN, G. 2010 (1971). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.

DUMAZEDIER, J. 1994. *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel.

FADIGAS, Leonel. 2010. *Urbanismo e Natureza – Os Desafios*. Lisboa: Silabo.

FARIAS, José Almir. 2012. *O projeto urbano ex-cêntrico como instrumento de política metropolitana*. In: Conectividade e resiliência: estratégias de projeto para a metrópole. COSTA, L. M. S. A., MACHADO, D. B. P. (org.). Rio de Janeiro: Rio Book's.

LYNCH, Kevin. 1997 (1960). *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.

LYNCH, Kevin. 2007 (1981). *A Boa Forma da Cidade*. Lisboa: Edições 70.

MAGALHÃES, M.R. 2001. *Arquitetura paisagista: morfologia e complexidade*. Lisboa: Editorial Estampa.

MAGNOLI, M. M. 1982. *Espaços livres e urbanização: Uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana*. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Magnoli, M. M. E. M. (2006). *O parque no desenho urbano. Paisagem e Ambiente*, (21), 199-214. doi:10.11606/issn.2359-5361.v0i21p199-213.

MARQUES, Carlos Almeida (Org.). 2015. *Planeamento Cultural Urbano em Áreas Metropolitanas. Revitalização dos espaços pós-suburbanos*. Portugal: Edição Caleidoscópico.

NOORADDIN, H. 1996. *Al-fina: A study of "In-Between" spaces along streets as an urban design concept in the cities of the middle east*. Trond-heim-Norway, NTNU, 1996.

PANERAI, Philippe. 2006 (1999). *Análise Urbana*. Brasília: Ed. UNB.

PARDAL, Sidónio. 1997. *Parque da Cidade de Almada. Arquitetura de uma paisagem*. Lisboa: Edição Câmara Municipal de Almada e do CESUR – Universidade Técnica de Lisboa.

SANTOS, M. 2000. *Território e Sociedade: Entrevista com Milton Santos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

_____. 2009 (1982). *Pensando o espaço do homem*. 5. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

TÂNGARI, V. R. 2014. *Espaços livres e a forma urbana: identificação dos tipos morfológicos que qualificam a paisagem urbana*. São Paulo: III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva.

TELLES, G. R. 1997. *Plano verde de Lisboa*. Lisboa: Edições Colibri.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 10, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 66, 67, 68, 235, 241

Área Metropolitana 10, 1, 2, 240, 251

Arquitetura 2, 9, 10, 1, 25, 26, 43, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 64, 68, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 107, 108, 110, 125, 126, 127, 133, 135, 136, 137, 144, 194, 202, 212, 213, 217, 225, 226, 250, 253, 255, 256, 257, 259, 265, 266, 267, 268

Arquitetura em Madeira 81, 91, 96

Arquitetura Escolar 52

Assentamentos Informais 11, 110, 112, 114, 126, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136

B

Belém 12, 229, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 253, 254

Brasília 12, 26, 109, 115, 124, 135, 136, 207, 210, 211, 212, 225, 227, 228, 229, 233, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 244, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 268

C

Centralidade 11, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180

Centro 10, 11, 1, 4, 5, 9, 14, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 57, 89, 104, 110, 111, 112, 115, 120, 123, 126, 128, 135, 142, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 185, 186, 187, 207, 213, 216, 217, 218, 219, 226, 228, 232, 233, 236, 237, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 258, 260

Centro Cultural 10, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51

Cidade 9, 10, 5, 7, 8, 20, 24, 25, 26, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 68, 85, 93, 100, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 164, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 174, 179, 180, 183, 194, 200, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 259, 260, 262, 264, 265

Cidades Brasileiras 11, 126, 127, 128, 129, 131, 134, 243

D

Desenho Urbano 18, 20, 26

Desigualdade 11, 116, 126, 127, 130, 131, 136, 143, 233

E

Esgoto 11, 131, 133, 150, 151, 152, 154, 156, 157, 163, 235

Exclusão Territorial 11, 126, 127, 131, 134, 136

G

Gestão Urbana 143, 210, 213, 215, 217, 222, 225

H

História da cidade 174

J

Jane Jacobs 10, 69, 70

L

Legislação Urbanística 116, 136, 238

Lisboa 10, 1, 2, 25, 26, 85, 93, 97, 108

M

Madeira 10, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 200, 205

Morfologia Urbana 2, 3, 4, 8, 11, 15, 17, 19, 20, 21, 25, 179, 214, 215, 229, 236

Multidisciplinaridade 9

Museu 45, 94, 97, 99, 100, 101, 104, 105, 108, 109, 173, 199, 204, 208, 217

P

Paisagem 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 21, 23, 24, 25, 26, 50, 89, 90, 144, 164, 170, 179, 180, 210, 212, 213, 215, 216, 222, 224, 225, 257, 268

Parque Urbano 31

Patrimônio 12, 45, 90, 92, 93, 94, 97, 98, 101, 104, 105, 107, 195, 196, 197, 198, 199, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 239

Patrimônio Histórico 12, 45, 92, 93, 195, 196, 197, 198, 199, 203, 204, 207, 208, 209, 210, 211, 239

Planejamento Urbano e Regional 9, 12, 194, 255, 256, 257, 259, 266, 267

Planos Regionais 194

projeto urbano 25, 210, 214, 215, 218, 221, 222, 227

R

Rua 9, 4, 14, 15, 45, 48, 49, 50, 55, 56, 57, 166, 172

S

São Paulo 10, 11, 25, 26, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 68, 91, 92, 93, 95, 96, 108, 109, 115, 124, 125, 128, 129, 131, 133, 135, 136, 137, 147, 148, 149, 150, 152, 162, 163, 172, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 194, 195, 208, 231, 251, 252, 253, 254

SESC 24 de Maio 10, 43, 51

Sítio Arqueológico 12, 95, 195, 199, 202, 203, 205, 206, 207, 209

Sustentabilidade 11, 138, 140, 142, 143, 146, 147, 212, 215

T

Tecido Urbano 10, 1, 3, 4, 7, 9, 10, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 164, 169, 171, 213, 216, 236, 243, 253

Técnicas Construtivas 10, 80, 81, 84, 89, 90, 91, 96

Território 9, 2, 3, 4, 21, 24, 26, 53, 84, 87, 89, 90, 103, 107, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 138, 139, 140, 141, 144, 146, 147, 149, 164, 167, 168, 170, 179, 195, 198, 199, 200, 201, 204, 206, 213, 214, 215, 218, 220, 221, 222, 225, 226, 227, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 248, 250, 251, 252, 254, 264

Tombamento 12, 195, 197, 198, 199, 202, 203, 206, 207, 211, 239

U

Urbanismo 9, 11, 1, 25, 26, 43, 46, 52, 53, 68, 69, 79, 92, 96, 110, 125, 126, 135, 136, 137, 138, 148, 171, 181, 194, 250, 253, 255, 257, 259, 268

Urbanismo Contemporâneo 11, 138, 143, 146, 243




Arquitetura e urbanismo: Compromisso histórico com a multidisciplinariedade

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Arquitetura e urbanismo: Compromisso histórico com a multidisciplinariedade

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 